



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
COLEGIADO DE LETRAS**

BÁRBARA SOUZA DOS SANTOS CONCEIÇÃO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA*
DE MIGUEL DE CERVANTES**

Santo Antônio de Jesus
2023

BÁRBARA SOUZA DOS SANTOS CONCEIÇÃO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA*
DE MIGUEL DE CERVANTES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado de Letras-Língua Espanhola e Literaturas. Departamento de Ciências Humanas – Campus V da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para obtenção do diploma do curso de Língua Espanhola e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. José Francisco da Silva Filho – UNEB Campus V.

Santo Antônio de Jesus
2023

C744r

Conceição, Bárbara Souza dos Santos

Representações Sociais em Dom Quixote de La Mancha de Miguel de Cervantes / Bárbara Souza dos Santos Conceição. - Santo Antônio de Jesus, 2023.

40 fis.

Orientador(a): Prof. Dr. José Francisco Silva Filho.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Letras - Língua Espanhola e Literaturas) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2023.

1.Representações Sociais. 2.Cervantes. 3.Romance. 4.Sancho Pança. 5.Dulcinéia.

CDD: undefined

BÁRBARA SOUZA DOS SANTOS CONCEIÇÃO.

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA*
DE MIGUEL DE CERVANTES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado de Letras-Língua Espanhola e Literaturas. Departamento de Ciências Humanas – Campus V da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para obtenção do diploma do curso de Língua Espanhola e Literaturas.

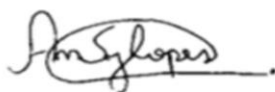
Orientador: Prof. Dr. José Francisco da Silva Filho – UNEB Campus V.

Aprovada em 05 de janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Francisco da Silva Filho
Departamento de Ciências Humanas - Campus V da Universidade do Estado da
Bahia
(Professor Orientador)



Prof.ª Especialista Angélica Sílvia de Jesus Lopes
Departamento de Educação - Campus XV da Universidade do Estado da Bahia
(Professora Convidada)



Prof.ª Dra. Luciana Vieira Mariano
Departamento de Ciências Humanas - Campus V da Universidade do Estado da
Bahia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente louvo a Deus a quem devo a minha vida e de onde vem a minha inspiração e força. Agradeço-Lhe por me permitir voltar a estudar depois de dezessete anos de formada a me graduar em uma Universidade no curso de Letras com Espanhol. Lembro-me que um dia lancei uma palavra ao vento e falei que faria o curso de espanhol e creio que nem eu dei crédito no que falei, nem imaginava como seria isso. Confesso que para começar tive muitas dificuldades, mas, quando me dei conta estou aqui me graduando neste curso. A palavra tem poder, e, Deus é Bom em todo o tempo e em todo o tempo Deus é Bom.

Agradeço à minha família dada pelo Senhor: meu esposo João Batista, meus filhos gêmeos abençoados João Vitor e Caique, gratidão a Deus pelas suas vidas.

Minha gratidão à minha mãe Jaci Borges que é uma guerreira e sempre estava no meu pé alertando do horário para não perder o transporte, também ficava nos cuidados dos meus filhos quando eu não estava presente. O meu muito obrigada não só pelo incentivo, mas por toda forma de ajuda que recebi. Não esquecendo meu pai Roberto Marques, *in memoriam*, que nosso pai celestial o levou no ano de 2018.

Minha gratidão aos meus irmãos, em especial, a Roberto Marques Filho e João Paulo que me incentivaram muito, ajuda a qual proporcionou a minha chegada até aqui. Louvo a Deus por suas vidas!

Meu muito obrigada aos colegas que tive o privilégio de conhecer na UNEB. Gratidão por cada trabalho desenvolvido em dupla, em trio, em grupo, nos estágios supervisionados. Em particular, quero destacar a vida de Silvânia Ribeiro, a nossa querida “Sil” a quem Deus usava para me levantar o ânimo quando as coisas parecia não fluir. Ela sempre tinha uma palavra de sabedoria quando nós conversávamos. Deus sempre tinha uma palavra de direcionamento através da sua vida para mim. Obrigada, Síl!. Da faculdade para a vida, como a amizade de Sancho e Quixote, no que concerne à complementariedade.

Meu reconhecimento aos professores que foram canais de bênção. Obrigada pelo conhecimento que vocês depositaram em nossas vidas. Em específico quero agradecer a meu orientador e Professor Doutor José Francisco da

Silva Filho. Gratidão professor “Paco” pela paciência, compreensão e competência. Agradeço pelas sugestões e direcionamentos nesta pesquisa que analisou um texto tão complexo e rico. Desejo que tenhas sucesso em todas as áreas da tua vida.

Em fim, obrigada Senhor, pela oportunidade de desenvolver um estudo sobre uma obra tão consagrada, talvez a mais vendida ou lida no mundo, depois da Bíblia (livro que mais gosto de consultar). Obrigada por findar esse ciclo em minha vida e sei que nada é em vão e nem coincidência.

Gratidão até pelas dificuldades, em tudo eu vi o teu agir em meu favor.

*Em quem estão escondidos todos os tesouros da
sabedoria e da ciência.
Colossenses 2:3*

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa sobre Representações Sociais na obra *Dom Quixote de La Mancha* de Miguel de Cervantes, no primeiro volume, que foi publicado em 1605. Nesta obra cervantina, observaremos os personagens Sancho Pança e Dulcinéia, pois os consideramos relevantes para discorrer sobre o tema proposto. O objetivo geral deste estudo consiste em compreender como esse autor aborda os problemas sociais na Espanha do século XVII na sua mais consagrada obra. Para tanto foi necessário discutir: a importância dessa obra literária; observar a vida e trajetória do autor; realizar um estudo dos problemas sociais da Espanha daquela época mais detidamente nos personagens Sancho y Dulcinéia. Nossa metodologia se pauta em pesquisa bibliográfica qualitativa. Este trabalho está dividido em três capítulos acrescidos de introdução e das considerações finais. Primeiramente com o tópico da introdução, no segundo discorreremos sobre a importância dessa obra clássica na época da sua publicação até os dias atuais. No terceiro, estudamos a vida de Cervantes e sua produção literária, bem como os problemas sociais da Espanha no momento em que escreveu o livro objeto desta pesquisa. Já no quarto e último, veremos o contexto social em *Dom Quixote* (Parte I), a partir da imagem retratada dos personagens Sacho Pança e Dulcinéia na obra seguido das considerações finais. Esse estudo nos permitiu constatar que essa literatura dialoga com a realidade, onde o autor, através de representações na vida dos personagens descreve os problemas sociais na ficção. Para a fundamentação teórica recorreremos a autores como Serge Moscovici (1995), Marta Anádon e Paulo B. Machado (2003), Pedrinho Guareschi e Sandra A. Jovchelovitch (1995).

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais; Cervantes; Romance; Sacho Pança; Dulcinéia.

RESUMEN

Este trabajo trata de una investigación sobre las Representaciones Sociales en La obra de *Don Quijote de La Mancha* de Miguel de Cervantes, con el primer volumen, publicado en 1605. En esta obra Cervantina observaremos los personajes Sancho Panza y Dulcinea, por considerarlos relevantes para discutir el tema propuesto. El objetivo general de este estudio es comprender cómo aborda este autor los problemas sociales en la España del siglo XVII en su obra más destacada. Por lo tanto, fue necesario discutir: la importancia de esta obra literaria; observar la vida y trayectoria del autor; realizar un estudio de los problemas sociales de la España de la época, centrándose más en los personajes Sancho y Dulcinea. Nuestra metodología se basa en la investigación bibliográfica cualitativa. Este trabajo se divide en tres capítulos más una introducción y consideraciones finales. En primer lugar con el tema de la introducción, en el segundo discutimos la importancia de esta obra clásica desde el momento de su publicación hasta la actualidad. En el tercero, estudiamos la vida de Cervantes y su producción literaria, así como la problemática social en España en la época en que escribió el libro objeto de esta investigación. Ya en la cuarta y última, veremos el contexto social en *Don Quijote* (Parte I), a partir de una imagen retratada de los personajes Sancho Panza y Dulcinea en la obra seguida de las consideraciones finales. Este estudio permitió comprobar que esta literatura dialoga con la realidad, donde el autor, a través de representaciones, describe problemas sociales en la ficción. Para la fundamentación teórica recurrimos a autores como Serge Moscovici (1995), Marta Anádon y Paulo B. Machado (2003), Pedrinho Guareschi e Sandra A. Jovchelovitch (1995).

PALAVRAS-LLAVE: Representaciones Sociales; Cervantes; Novela; Sancho Panza; Dulcinea.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	<i>DOM QUIXOTE DE LA MANCHA</i> : IMPORTÂNCIA ONTEM E HOJE.....	13
3	CERVANTES E A ESPANHA DO SÉCULO XVII: PROBLEMAS SOCIAIS.	20
4	O CONTEXTO SOCIAL EM <i>DOM QUIXOTE</i> (PARTE 1): SANCHO PANÇA E DULCINÉIA.....	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pelo romance *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes – que já atravessa mais de quatro séculos desde a sua primeira publicação em 1605 e é considerado o segundo livro mais lido do mundo depois da Bíblia Sagrada – surgiu quando o estudei no 1º semestre do curso de Letras, Língua Espanhola e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, na disciplina de “Aspectos Históricos e Culturais em Língua Espanhola”, componente curricular ministrado pelo professor José Francisco. A sua leitura envolve por apresentar um forte jogo de contraste, sátira, ironia e paródia presente nos personagens.

No início do curso, também tive contato com outra obra relevante da literatura espanhola ao cursar o componente “Panorama da Produção Literária: Da Origem até a Modernidade” com o mesmo docente: “Mio Cid, el Campeador”. Este livro, considerado a primeira grande obra poética da literatura espanhola (século XII), apresenta um contexto histórico que dialoga com o romance cervantino, portanto, foi também uma experiência como estudante de Letras que veio a influenciar na escolha desta pesquisa. *Mio Cid* passa pelo período da história conhecido como o “período das trevas”, retratando os cavaleiros andantes e as novelas de cavalaria. Ao ler *Dom Quixote*, observa-se que o autor faz uma crítica e uma ironia a essa época medieval, através do seu personagem principal.

Ainda discorrendo sobre minha jornada como estudante e o contato com a grande novela de Miguel de Cervantes, nas apresentações NEI (Núcleo de Estudos Interdisciplinares), foi possível ir desenvolvendo estudos relacionados a essa obra. No meu primeiro trabalho acadêmico desenvolvido acerca desse livro, abordamos a relação de amizade entre Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança. Em um estudo posterior, a temática observada foi sobre a crítica social que o autor Miguel de Cervantes, traçando um paralelismo com o considerado primeiro romance espanhol, *O Cantar de Mio Cid*. Portanto, a escolha por tratar das representações sociais nasceu da leitura e estudo de textos que abordam a época das novelas de cavalaria e do período medieval, quando pude observar as transformações históricas, cultural e socioeconômica da Espanha.

Como é notória a obra literária, *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, foi tão significativa no seu tempo no século XVII e continua sendo nos dias atuais. É também apontada como o primeiro romance moderno que influenciou várias gerações de autores que se seguiram.

A obra cervantina situa-se historicamente como um romance de transição, a historiografia a muito se ocupou de estabelecer os limites entre o mundo antigo e o moderno, utilizando para isso diversos mecanismos conceituais e marcos temporais para dar conta de entender o que quer de fato muda na mentalidade dos sujeitos desses distintos períodos (FERREIRA JÚNIOR, 2016, p.8).

Como vemos na citação anterior, a obra cervantina marca a ruptura do antigo mundo para o mundo moderno, apontando para uma série de transformações que atingem profundamente a forma pela qual o homem europeu encarava o mundo á sua volta. Vale lembrar que homem estava saindo do Renascimento, um período de florescimento e mudanças no pensamento e nas artes na sociedade.

Esse grande romance de Cervantes aborda várias temáticas vividas na sociedade entre a idade média e a idade moderna, sendo muito discutido nas escolas e no meio acadêmico. A obra ainda ganha espaço, além da literatura, em vários segmentos como no campo da saúde mental, entre críticos, nas artes, nos desenhos animados dentre outros. Na pintura se destacam nomes como Cândido Portinari e Salvador Dali com pinturas dos dois personagens da obra *Dom Quixote*.

Dada a importância dessa obra literária considerada atual e interdisciplinar, podendo ser estudado muitos temas a partir dela decidimos concentrar nossa análise nas representações sociais buscando observar como era a Espanha naquele período. Para tal, centramos nossa atenção nos personagens de Sancho Pança, “o fiel escudeiro”, e de Dulcinéia de Toboso, “o amor idealizado”, e, considerar que esses nos permite discorrer melhor sobre o tema. O problema que norteia essa pesquisa é: Como os problemas sociais da Espanha do século XVII são abordados na obra *Dom Quixote de La Mancha*?

O objetivo geral desse trabalho consiste em compreender como esses problemas sociais são abordados a partir desses dois personagens e, para tanto, foi necessário: discutir as representações sociais e a importância da obra *Dom Quixote de La Mancha*; realizar um estudo dos problemas sociais da Espanha do séc. XVII e uma reflexão sobre os dois personagens escolhidos, mais detidamente na primeira parte do livro.

A metodologia empregada para a realização desse estudo foi a Pesquisa Bibliográfica, método qualitativo. Para o referencial teórico, recorreremos ao conceito de representações sociais de Serge Moscovici (2005). Segundo esse autor, as representações sociais são modalidade de conhecimento que circulam em nosso cotidiano: “[...] todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõe representações” (MOSCOVICI, 2003, p. 40).

Esse trabalho está dividido em três capítulos acrescidos de Introdução e Considerações Finais. No primeiro tópico apresentamos a introdução da pesquisa, logo após com o segundo capítulo intitulado: “*Dom Quixote de La Mancha*: sua importância ontem e hoje”, discorreremos sobre a principal obra de Cervantes, dando ênfase ao personagem Dom Quixote e a época quando foi publicada; no terceiro capítulo cujo título é “Cervantes e a Espanha no século XVII”, estudamos a vida e obra de Miguel de Cervantes, bem como sobre a Espanha do século XVII com seus problemas sociais; no quarto capítulo observamos os personagens Sancho e Dulcinéia dentro do primeiro volume de *Dom Quixote* (1605) buscando verificar como se retrata a sociedade espanhola daquele período, seguidamente das considerações finais.

2 **DOM QUIXOTE DE LA MANCHA: IMPORTÂNCIA ONTEM E HOJE**

“Quem perde seus bens perde muito; quem perde um amigo perde mais; quem perde a coragem perde tudo”
(Cervantes)

O romance *Dom Quixote de La Mancha*, por descrever com tanta riqueza de detalhes os lugares e situações vividos por seu protagonista, nos leva pensar que a obra reflete a vida como ela era. As aventuras dos personagens Dom Quixote e Sancho Pança são tão realistas que nos provocam diversas sensações como risos e tristeza, piedade e revolta, entre outros.

Trata-se de um texto bastante discutido entre pesquisadores de diversos ramos pelo fato de levantar variados temas, tornando-a um objeto de estudos de questões atuais, como a ideia de pós-modernidade. Sobre sua atualidade, comenta Busato (2015, p. 27).

Apesar da sua antiguidade e dos mais de quatrocentos anos de publicação, *Dom Quixote* continua sendo uma das obras mais traduzidas e publicadas, assim como segue mantendo a sua vigência e atualidade de maneira indiscutível. *Dom Quixote* reflete uma visão ampla e complexa da realidade, antecipando muitas técnicas do realismo do século XX, como o perspectivismo, narrador não confiável, incorporando ambiguidade crítica.

Essa obra é considerada uma novela realista e também como o primeiro romance realista por provocar no leitor a percepção de que o que está lendo é o mundo real e não ficcional. O romance descreve o personagem central como um fidalgo de nome Alonso Quixano ou Quesada, que vivia em um lugar chamado da Mancha. Ele estava apaixonado por livros de cavalaria e de pouco dormir e muito ler, perdeu o juízo. Tinha poucas posses e o que lhe restara vendia para comprar livros para acrescentar à sua biblioteca particular. Por isso, comia e se vestia pobremente. Vivia em sua casa uma ama de mais de quarenta anos, uma sobrinha e um servidor, além de também possuir um cavalo magricelo.

Um dia Alonso Quesada despertou acreditando ser um cavaleiro andante como um daqueles que lia em seus livros de cavalaria e sai em busca de aventuras vestido como um cavaleiro, mas na verdade levava um traje enferrujado que pertencia ao seu bisavô. Alonso se autointitula Dom Quixote de La Mancha e também coloca o nome em seu pangaré de Rocinante.

O protagonista do livro assume nova identidade (Quixote) e parte com o seu fiel escudeiro e amigo Sancho Pança em suas “aventuras” para reparar as injustiças do mundo, defender os inocentes e lutar contra os gigantes. No entanto, essas incursões se tornavam em verdadeiras desventuras, pois, Quixote sempre levava a pior. Nas suas aventuras sempre obtinha o fracasso diante das suas pelepas e a maioria das vezes apanhava dos outros. Dessa forma, o autor da obra (Miguel de Cervantes), constrói um anti-herói e descreve um mundo habitado por seres fracassados e sem honra. Vejamos um fragmento do que comprova essa condição de anti-herói,

[...] O cavaleiro se imaginou, fascinado, na iminência de presenciar o combate renhido entre dois exércitos, quando tudo não passava de dois rebanhos de ovelhas que se cruzariam no caminho. Decidiu que interviria em favor do lado mais fraco. Sua convicção mais uma vez convenceu o camponês a segui-lo.

Subiram os dois a uma colina, de onde poderiam ter uma visão melhor do combate. Por mais que se esforçasse, Sancho que não conseguia enxergar os gigantes e guerreiros presentes a se engalinharem.

- Não escuta os tambores rufando nem as cornetas soando?

- Só ouço balidos.

- Pois é o medo que paralisa seus sentidos! Se é assim, deixe que eu lute sozinho!

Escolhendo o lado que protegeria, lá se foi ele, incitando Rocinante, enquanto Pança gritava em vão:

- Volte, meu senhor! São apenas ovelhas, eu garanto!

Os pastores, diante da intromissão do maluco que assustava seus rebanhos, puseram-se a lhe jogar pedras, e uma delas o derrubou do cavalo. Pensando que o tinha matado, trataram de reunir os animais de cada bando e se afastaram às pressas.

Sancho veio ter com o pobre desmiolado, falando que o avisara de que não deveria se incomodar com os carneiros. Insistiu Quixote que eram soldados enfeitados e os bichos lanudos logo retomariam sua forma humana. Ao de que passar a mão na boca, deu-se conta de que havia perdido a maior parte de seus dentes em consequência da pedrada e da queda. (SAAVEDRA, 2010, p. 36-37).

Depois desse trágico episódio, Sancho dá um novo nome ao seu amo, passando a chamá-lo de o cavaleiro da “Triste Figura” devido ao estado que Quixote se encontrava, com um semblante triste pelo cansaço ou pela falta dos dentes perdidos nas pedradas que recebera. Sobre essa imagem distorcida comenta Alonso- Fernández: “Don Quijote era el icono de lo absurdo cómico al encarnar unos ideales de justicia universal en una grotesca figura de ultratumba, cual un fantoche o un esperpento escuálido arrugado por los años, armado con un lanzón de los abuelos”. E conclui: “acreditando su definición no como "el Caballero de la Triste

Figura", sino como "el Caballero de la Cómica Figura", un caballero construido sobre la conjunción contradictoria de lo sublime y lo ridículo" (ALONSO- FERNÁNDEZ, 2016, p. 233).

Nas antigas novelas do mundo antigo, os cavaleiros sempre obtinham vitórias nas guerras enfrentadas, recuperavam suas honras perdidas e se tornavam verdadeiros heróis nacionais. Já nesse romance que marca uma ruptura de mundos, o autor apresenta personagens antagônicos com características distintas como ocorre entre Sancho e Quixote: um gordo e o outro magro; um era alto e outro baixo; um letrado e outro leigo; um era fidalgo o outro era de classe baixa da sociedade. Já quando Quixote perdia em suas lutas atribuía os fracassos e as derrotas aos "gigantes" da terra e ao encantador por nome Frestão, como na passagem a continuação: "[...] disse D. Quixote - quem é esse sábio encantador, grande inimigo meu, que me tem ojeriza" (SAAVEDRA, 2002, p.111).

O contexto histórico do século XVII, quando é publicado o livro, se insere no Século de Ouro, o Renascimento, as Grandes Navegações em 1492, Reforma e Contrarreforma dentre outros acontecimentos. A Espanha passava por problemas financeiros com os gastos em busca do ouro e de especiarias na conhecida corrida pelo ouro ou das grandes navegações.

Entre os 1550 e 1650 marcaram o chamado *Siglo de Oro* ou Século do Ouro Espanhol, período que abrange duas escolas de pensamento e de produção artística na Espanha: O Renascimento e o Barroco. Há um florescimento nas artes, política e na literatura (poesia, na prosa e no drama). Considerado por muitos historiadores como uma das melhores obras literárias em qualquer língua, *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, foi o primeiro romance publicado na Europa. Sobre o reconhecimento internacional, comenta Viera (2017, p. 6)

Embora a obra de Cervantes tenha suscitado reflexões e estudos analíticos em todos os tempos e em todos os lugares, observa-se que a partir da segunda metade do século XX e, mais especificamente, a partir dos anos 70, ampliaram-se consideravelmente os estudos cervantinos a ponto de se consolidar na década de 80 a "Asociación de Cervantistas", contando com a participação de estudiosos dos mais variados países. Como dizia um de seus fundadores, José Maria Casasayas, não havia nenhuma razão para incluir o adjetivo "internacional" no nome da associação uma vez que no caso de Cervantes isso não passaria de uma redundância.

O clássico espanhol tornou-se internacionalmente conhecido, O exemplar aborda várias temáticas vividas na sociedade moderna e é muito discutida nas escolas, no meio acadêmico e entre outros muitos especialistas de vários segmentos tais como psicanálise e na psiquiatria, tratando de assuntos como transtornos mentais, fuga da realidade, mundo da imaginação e dos sonhos, das representações sociais, e entre outros, a loucura, que é uma matéria muito pertinente no século XXI. A obra ainda ganha espaço, além da literatura, em vários segmentos como no campo da saúde, entre críticos, nas artes, nos desenhos animados e por aí vai. Em suma, um número bom de pessoas tem a impressão de conhecer a obra ou de já ter ouvido algo acerca dela sem nunca ter contato com a mesma, é o chamado “a impressão” de já ter lido só por causa da propagação que alcançou o exemplar *Dom Quixote*. Sobre essa consagração que teve a obra, afirma o escritor Eduardo Galeano (2015, online),

Cervantes se propuso escribir una parodia de las novelas de caballería. Ya nadie, o casi nadie, las leía. Estaban pasadas de moda. La tomadura de pelo fue un esfuerzo digno de mejor causa. Y sin embargo, esa inútil aventura literaria resultó mucho más que su proyecto original, viajó más lejos y más alto y se convirtió en la novela más popular de todos los tiempos y de todas las lenguas.

Miguel de Cervantes consegue com esse livro retratar as transformações culturais, econômicas e sociais que estava vivendo a Espanha que antes era uma potência econômica, porém agora não mais a mesma. O povo, no entanto, ainda estava apegado aos ideais do período medieval, sobre esse período diz Oliveira e Bezerra Araújo (2012, p.8).

A Espanha dessa época, ainda idealista, de Felipe II, estava atribulada, entretanto, por densos problemas econômicos. A evasão dos leitores para essa idade mítica dos tempos heroicos constituía-se, pois, um sonho maravilhoso e um ideal de fuga daquela horrenda realidade. [...] os heróis dos romances de cavalaria eram de grande popularidade nesse tempo. Dotados de poderes excepcionais, capazes de vencer monstros, de transpor paisagens inacessíveis, de enfrentar encantamentos e de confundir ou convencer qualquer adversário, em nome da verdade e da justiça, esses heróis serviriam de modelos para muitas gerações.

Os personagens centrais contemporâneos dessa época no romance de Cervantes (Quixote e Sancho) trazem uma ruptura, trajados na ironia e na tragicomédia diante das situações vividas, a fantasia mesclada com a realidade. O autor também inaugura uma nova forma de escrever literatura.

Dom Quixote de La Mancha é, pois, o estilo de romance que nos retratará a própria ruptura do mundo antigo para o mundo moderno. A partir dele será possível perceber que a antiga concepção de mundo ficou para trás. O que resta agora para pensar é o mundo aberto que se fragmenta cada vez mais, no qual o homem tende sempre a aparecer sozinho e abandonado, sem apoio dos deuses ou de qualquer força sobrenatural para lhe socorrer. [...]. Grande parte dos heróis que doravante aparecerão, no romance que se chamará de moderno, serão aqueles que viverão dramas internos, e estarão sempre em desarmonia com o mundo. Sofrerão de angústia, desolação, desilusão e de uma melancolia nunca antes registrada na história. E estes serão os traços que os perseguirão durante toda essa nova era. O realismo formal do século XVIII, bem como o novo realismo do século XIX, abre caminhos para autores que revolucionarão a forma do romance, através de novas técnicas narrativas, tal é o exemplo de autores como James Joyce e Virginia Woolf. A partir de 1920, o romance nunca será o mesmo e a problemática entre ser e mundo se agravará ainda mais. Assim, o romance será o sintetizador de todo esse novo símbolo que parece ter sido esvaziado e perdido todo o sentido de ser. (OLIVEIRA e ARAÚJO, 2012, p.14).

Outro aspecto bastante notável no romance *Dom Quixote* é a forma que ele retrata a cumplicidade dos seus personagens, a amizade entre o amo e o seu fiel escudeiro, associado ao constante diálogo entre ambos. Enquanto Quixote, um leitor alucinado, em Sancho, rústico e iletrado, no entanto os dois personagens mostra unidade. Aliás, Cervantes começa em seu prólogo falando diretamente com o leitor estabelecendo uma espécie de conversa direta com o seu público e de cara já desperta uma atenção: “Desocupado leitor.” (SAAVEDRA, 2002). Esse mesmo “desocupado” leitor tem pela frente uma obra de mais de oitocentas páginas à sua frente, porém muito bem acompanhadas de risos, choro e reflexões. Para a ideia do riso como fonte principal do seu atrativo retratando o mundo que estava em transformação, escreve Schechener (2016, p. 3).

Neste sentido, é importante nos questionarmos: riram os medievais de Dom Quixote? Como já sugeriu “Pierre Menard. Autor de Quixote” (BORGES, 2007), o romance em questão, ou melhor, dizendo qualquer texto já escrito, será compreendido de formas diferentes de acordo com a época que é lido, ainda que seja estritamente o mesmo. Portanto, ainda que o texto do Quixote ofereça elementos cômicos com fartura, o sentido social da cavalaria jamais permitiria que dela os medievais rissem, ou ao menos não pelo mesmo motivo que os contemporâneos da época de Cervantes. Não

havia o contexto necessário para desabrochar o riso, pois a cavalaria era uma realidade viva no mundo prático e objetivo, e o mundo medieval e o seu imaginário, ambos respaldavam seu modo de vida. Portanto, é possível perceber que este riso, que existe da incoerência da cavalaria do mundo moderno, poderia existir apenas no contexto da população de Dom Quixote.

Cervantes também consegue despertar um diálogo interno no seu leitor, Soto comenta: *Dom Quixote* ser duas vezes, duplamente, crítico com o real: “Dom Quixote introduz um potencial crítico, uma quebra do real, capaz de afetar a espectadores e leitores nas suas concepções e convicções” (2017, p. 10). Uma literatura que atravessa o mundo e é capaz de dialogar com o tempo em que a obra é lida.

Quixote oferece elementos de continuidade e descontinuidade entre Idade Média e a Idade Moderna no âmbito da história da cavalaria, pois se por um lado denuncia o caráter obsoleto da cavalaria para a realidade do ocidente moderno, por outro, acaba por retomar o tema da cavalaria, agindo no sentido de revitalizar no imaginário alguns de seus elementos principais [...] O livro de Cervantes não representa uma ruptura total com o mundo medieval e com a cavalaria. Na verdade, ele não apenas representa como já dito, uma tendência dupla de sentidos opostos de continuidade e descontinuidade, mas é também um fator ativo no presente, sendo ele mesmo, através do cômico, um continuador e um descontinuador do imaginário acerca da cavalaria, dessa forma revitalizando - ainda que a ele dado outro sentido – o seu objeto de riso. (SCHECHNER, 2016, p. 7)

Essa literatura é dividida em duas partes, sendo a primeira parte publicada no ano de 1605 e a segunda parte em 1615. Cervantes apresenta dois cavaleiros diferentes em Quixote, são fases diferentes vividas pelo personagem. Sobre isso discorre Soto (2017 p. 64-65).

Ora bem, da primeira à segunda parte d'O Quixote muda a perspectiva e a compreensão que os espectadores e os leitores podem ter acerca das aventuras do cavaleiro. Na primeira parte, a focagem sobre o personagem e o narrado no romance permitem a aparição e a formação de uma visão crítica. O cavaleiro da Triste Figura habilita uma perspectiva e uma atitude críticas em relação com o real. Não acontece o mesmo com o cavaleiro dos Leões, que é como aquele que passa a denominar-se na segunda parte. A focagem sobre o personagem e o narrado no romance não habilita uma visão crítica: fornece uma perspectiva e uma compreensão apologética do real. Acontece que as aventuras do engenhoso fidalgo, com algumas exceções, mudam substancialmente. O ponto de partida, o desenvolvimento e o desenlace são diferentes. Por outras palavras, a percepção imaginária e

a intervenção justiceira quixotesca mudam significativamente: ambas dão-se no plano da ficção.

O romance moderno de Cervantes é um clássico até os dias atuais no qual traz dramaticamente a sua real história do século XVII. Vai além de um romance moderno, a obra interage com o leitor trazendo uma interpretação de vida, fixando assim, ao longo desses anos, a tradição quixotismo ao que se refere da arte cervantina com a vida real.

A lição principal que essa obra literária deixa é a coragem impregnada em Quixote. O corajoso e bravo personagem, descrito como os cavaleiros da antiguidade, dentro de um mundo em transformações, não se deixava parar com as suas desventuras e decepções que, apesar da idade e da condição social, se levantou em busca de aventuras em defesa dos fracos e oprimidos. Acreditava em um mundo melhor e mesmo diante das lutas não se deixava vencer, sempre partia para uma nova fase mesmo quando as coisas pareciam não darem certo, tendo em seu amigo e fiel escudeiro, Sancho Pança, o companheirismo e a cumplicidade.

Dom Quixote de Miguel de Cervantes tornou-se tão conhecido e relevante para os dias atuais que até ganhou a expressão: “quixotesco” quando quer remontar a alguém que tenha um plano difícil ou até mesmo inatingível de realizar, ou, que se pareça a alguém sonhador, tão “desconectado” da realidade.

3 CERVANTES E A ESPANHA DO SÉCULO XVII: PROBLEMAS SOCIAIS

“Pior fora ainda o perigo de se fazer poeta, que, segundo dizem, é enfermidade incurável e pegadiça”.
(Miguel de Cervantes)

Miguel de Cervantes de Saavedra foi um escritor, dramaturgo e poeta espanhol, que nasceu em 29 de setembro de 1547, na cidade de Alcalá de Henares na Espanha. Era o quarto dos sete filhos de Leonor de Cortinas e Rodrigo de Cervantes, um cirurgião surdo. Mesmo nascendo em uma família de classe social não baixa, vem ao mundo num contexto econômico difícil para Espanha como comenta Moreira (2013 p. 59-60).

Corria o ano de 1547 e não era um ano bom para os espanhóis, muito particularmente para Don Rodrigo de Cervantes, cuja esposa Leonor Cortinas, havia dado à luz um varão, que foi chamado Miguel conforme o santo do dia.

Don Rodrigo de Cervantes vivia apremiado por dificuldades financeiras ao que pese a sua fidalguia. Embora filho de conceituado e bem sucedido advogado cordobês, que a seu tempo fora alcaide, juiz, auditor do duque do Infantado e governador de Osuna não lhe era possível manter o nível social da família com seu título de cirurgião [...]

O casal, que com Miguel via chegar o quarto filho, estava na situação aflita de muitos outros a seu tempo, realizando esforços sobre-humanos para manter o status social, com a miséria quase com a porta a dentro.

Apesar do gosto pelas letras, Cervantes tenta a sorte alistando-se numa companhia de soldados em 1570, em uma unidade militar espanhola da Itália. Essa circunstância o leva a percorrer aos 22 anos várias cidades da Itália em pleno Renascimento.

No ano de 1571, participa da batalha naval de Lepanto contra os turcos quando é ferido por tiros de arcabuz e perdeu o movimento da sua mão esquerda, ficando inutilizada e por isso passa a ser chamado de “El Manco de Lepanto”. Em 1575, na companhia do seu irmão Rodrigo e tentando regressar à Espanha, foi capturado pelos turcos e levado à Argélia onde passou cinco anos na prisão. Conforme Moreira, o fato que dificultou sua liberação da prisão foi parecer ser alguém com prestígio social, por conta de uma carta de recomendação escrita pelo irmão do rei e retida pelos seus captores,

[...] na sua fatídica viagem de retorno à Espanha, com várias cartas de recomendação, carregadas de elogios, inclusive do irmão do próprio rei, o mesmo Dom João de Áustria.

[...].

Suas cartas de recomendação foram, a um tempo, o seu azar e a sua sorte. Por um lado convenceram-se os seus captores de que se tratava de alguém muito mais importante do que realmente era, e, fixaram seu resgate numa soma além das posses de seus parentes; por outro, no entanto, isso poupou-o um tanto das penúrias do cativo, pois não queriam os que o possuíam comprometer seu capital. (MOREIRA, 2013, p.69)

Tentou por várias vezes fugir, porém, sem sucesso. Só foi liberto após o pagamento da fiança pela família e por integrantes da Igreja Católica, o que deixou a sua família na falência pelo alto valor pago. A vida desse autor é rica de aventuras, desenganos e superações coisas que também estão presentes e é notório no personagem Quixote.

A primeira obra literária de Miguel de Cervantes foi o romance *La Galatea*, publicado em 1585, sendo considerado um romance pastoral que não teve sucesso. Esse texto foi adaptado por Cervantes ao teatro, mas também sem êxito, permanecendo ele e a família com sérios problemas econômicos.

Sempre em meio a dificuldades financeiras, integra-se ao esforço da guarda da Invencível Armada Católica de Felipe II, que pretendia atacar a Inglaterra protestante. Na função de Comissário de Provisões da Armada Invencível, coleta suprimentos de grãos para comunidades rurais e viaja por toda Espanha fazendo arrecadação, experiência essa que aparece em seus escritos futuros. Com a derrota da Armada, Cervantes pede ao Conselho das Índias uma posição na América em 1593. Negada a petição, volta ao cargo de comissário, mas desta vez arrecadando impostos, o que lhe acarreta suspeitas nas prestações das contas, sendo levado a prisões.

Conforme sua biografia foi numa delas em Sevilha onde teria escrito a primeira parte de *Dom Quixote*, que seria publicada em 1605. A obra foi um sucesso instantâneo, sendo reimpressa seis vezes no período de um ano. Finalmente Cervantes consegue o reconhecimento tão esperado, no entanto, sua vida financeira não melhorou como afirma Moreira (2013, p. 72),

A má estrela não abandonou, no entanto, a Cervantes, que no fim da vida tendo escrito a obra mais importante do idioma castelhano e uma das obras

capitais da literatura universal, continuava pobre e oprimido pelas desventuras, que não lhe davam tréguas.

A 19 de Abril de 1916, na dedicatória de *Persiles y Sigismunda*, deixou-nos suas últimas palavras plenas de serenidade e estoicismo, ante a morte que sente próxima:

“Puesto ya el pie em el estribo
non las ansia de la muerte
gran señor ésta te escribo”

Em 1613, ele publica suas *Novelas Exemplares*, em cujo prólogo indica o plano para a continuação de *Quixote*. Devido ao grande êxito que teve a primeira parte, surge em 1614 uma falsa segunda parte assinada por Avellaneda. Por causa desse “falso Quixote”, Cervantes decide terminar logo a continuação do seu grande romance, como comentam Oliveira e Araújo (2012, p. 4-5),

Estando ele ainda escrevendo a segunda parte de seu livro, chega-lhe às mãos, oculto sob o pseudônimo de Alonso Fernandez Avellaneda, de Tordesilhas, a já pronta, uma segunda parte de seu engenhoso livro, *Dom Quixote de La Mancha*. Vendo o perigo que dele se aproximava – até a possibilidade de roubarem dele a sua obra! -, Cervantes foi obrigado a escrever apressadamente o final da segunda parte de seu livro e, por fim, dirimiu qualquer dúvida a respeito do falso segundo tomo das aventuras de cavaleiro de La Mancha, por ele engenhosamente pensado.

Depois de concluída sua obra, pouco tempo ele sobreviveu. No ano de 1616, Cervantes morre precisamente um ano depois da segunda parte de sua obra imortal, na cidade de Madrid.

O próprio Cervantes ridiculariza a falsa obra, chamando-a de frágil e postiça através da voz de seus personagens na segunda parte do seu livro publicada em 1615. Essas duas partes assemelha-se ao gênero literário do período medieval e cavaleiresco. A obra foi concluída em um período em que as novelas de cavalaria na Espanha do século XVI eram uma verdadeira paixão pública e obsessão nacional. Nelas se descrevia um mundo idealizado pelos seus heróis que eram dotados de poderes excepcionais, capazes de vencer monstros, enfrentar encantamentos e derrotar qualquer adversário. O personagem central de Cervantes identificado como a imagem de cavaleiro irá colocar em evidência o ridículo e irônico dessa obsessão coletiva por essa figura e esse tipo de romance.

Cervantes faz uma sátira à moda dos antigos cavaleiros andantes e critica a literatura daquele momento que ignorava a crise vivida no mundo real. No mundo moderno os cavaleiros andantes não mais dormiam em castelos sem saldar a sua

dívida, já para o “cavaleiro de Cervantes” necessitava de dinheiro para sobreviver como qualquer outro homem. Busato comenta sobre Cervantes e essa obra.

Não nos resta dúvida de que Cervantes, em *Dom Quixote*, faz uma crítica à literatura de sua época que ainda produzia obras fantásticas de cavaleiros andantes sem se preocupar com a realidade das questões sociais da Espanha, E, além disso, o autor trata de evidenciar em sua obra as injustiças nas questões éticas cometidas contra os cidadãos, criticando-as ironicamente [...].

Além da crítica à literatura fantástica de cavalaria e às questões éticas, Miguel de Cervantes traz para a sua obra muito de sua vida pessoal e da realidade da Espanha na época. (2015, p.91).

Saavedra faleceu um ano após da publicação da segunda parte de sua imortal obra, em 22 de abril 1616, sendo enterrado no convento do Bairro de Las Letras de Madrid. No ano seguinte, é publicada sua última obra, o romance, *Os Trabalhos de Persiles e Sigismunda*, outra grande expressão de seu gênio.

Nosso escritor viveu um período de muitas mudanças não somente no âmbito pessoal (foi soldado, prisioneiro, escritor...), mas também no social (ebulição do Renascimento), grandes transformações históricas e sociais estavam acontecendo naquele período. Sobre os problemas sociais que afetam a população na sua época, comenta Moreira.

Toda a estrutura social estalava e se partia de alto a baixo.

Os fidalgoes rurais viam empobrecer a sua fazenda, que deviam vender pedaço a pedaço, já que os arrendamentos não davam para o cozido diário e para o pombo de cada domingo, e, num bom dia qualquer, iam à Côrte do Imperador em busca do emprego no Ultramar, na Itália ou em Flandres, que lhe permitisse continuar usando golinha engomada e espada ao cinto, e ali viviam, meio por milagre e meio por caridade, à espada do destino que tudo devia resolver. (2013, p. 62-63).

Para entender esses problemas, há que recuar a Espanha no final do século XV. A Península Ibérica está empenhada na batalha dos reinos cristãos pela expulsão dos mouros (mulçumanos), que dominavam essa região na Idade Média. Essas lutas levaram à formação da monarquia nacional espanhola na década de 1490, coincidindo com as grandes navegações e a descoberta do continente americano por Cristóvão Colombo, navegador genovês, patrocinado pela monarquia europeia.

Passado o período de expansão ultramar, no século XVI, a Espanha começa a entrar em uma recessão econômica, devido a fatores como a pobreza que abatia os que viviam no campo devido a terrível seca e as constantes guerras, bem como o aumento no preço dos produtos a causa do derrame de metais preciosos trazidos das colônias, conforme M. Moreira, que esclarece:

No curso do século XVI a moeda perdeu $\frac{3}{4}$ de seu valor ou, por outra parte, os preços quadruplicaram. A alta de preços foi promovida para os produtos intermediários, mas foi lesiva para os que viviam de rendimentos e para os assalariados: enquanto os preços aumentaram 400%, os salários aumentaram de 50 a 80% (...) As lembranças dos tempos fartos, de boas comidas e melhores bebidas, dos bons tempos dos Reis Católicos, davam o tom nas rodas de prosa dos mais velhos. (2013, p. 61-63).

Já no século XVII, ainda predominava na Península Ibérica as tradições medievais. Se por uma parte, ocorriam ideias humanistas, por outra parte uma forte manifestação ao apego aos temas típicos do cristianismo e do medievo [...] “o homem medieval não possui absolutamente a concepção do econômico e possui muito pouco a do político” (GOFF, 2011, p. 80). Portanto, ao mesmo tempo em que havia a defesa do uso da razão e da experiência para se chegar à verdade, havia também um intenso apego aos temas típicos dos séculos anteriores. Esse período também marca a incidência da contrarreforma nos países ibéricos, onde o catolicismo era quem imperava nas obras dos autores do Século do Ouro que abrangia não apenas na área da arte, mas também desenvolveram reflexões sobre filosofia e estudos clássicos, bem como sobre a economia, com a escola de Salamanca.

No teatro e na poesia do Século de Ouro também elevaram à língua espanhola ao patamar internacional. O ícone que é considerado dessa época nas artes na Espanha é Miguel de Cervantes Francisco Saavedra, autor da famosa obra em análise, *Dom Quixote de La Mancha*. “Cervantes es la figura máxima de la literatura española, la que há alcanzado mayor universalidad”. (DÍAZ-PLAJA, 1960, p.209 Apud BUSATO, 2015, p.76).

Cervantes faz literatura à frente do seu tempo e de maneira diferenciada, conseguindo envolver o leitor de tal forma, como acontece com a sua obra universal (Quixote), onde a vida parece imitar a arte ou vice-versa. Sobre as características e propagação da obra cervantina descreve Viera:

Cervantes opta por formas um tanto inusitadas que, em alguns casos, poderiam caracterizar a composição de um antiprólogo ou um “metaprólogo” como é o caso do prólogo do Quixote de 1605, que dialoga constantemente com o próprio gênero, reproduzindo, em alguma medida, a estrutura da própria obra. Por meio desse artifício, Cervantes acaba apresentando, de modo irreverente, princípios poéticos substanciosos como as diferentes categorias de leitor e a multiplicidade de leituras, além de considerar a obra como uma obra de entretenimento e uma invectiva contra os livros de cavalaria. Se por acaso o leitor esperou encontrar no prólogo uma apresentação da obra de caráter mais referencial, vai encontrar somente nessas primeiras páginas procedimentos engenhosos que inventam histórias e enredam vida e obra em discursos que sugerem que, nem sempre, a arte imita a vida, mas que também, em alguma medida a vida pode imitar a arte. (2017, p. 5).

O escritor, poeta e dramaturgo espanhol estudado nesse trabalho, sem dúvidas foi alguém que deixou e ainda deixa marcas indeléveis em seus leitores. “Com o objetivo de parodiar essas prosas fictícias medievais, Miguel de Cervantes Saavedra torna-se ‘o primeiro grande escritor de narrativa ficcional em língua românica’” (D’ONOFRIO, 2002, p. 272 apud BRITO e GOMES, 2013, p. 24-25). Com sua obra de arte em forma de literatura narrava histórias nunca antes imaginada, com muitos questionamentos e antagonismo sobre o novo modo de fazer romance, estabelece laços de simpatia com o leitor. À medida que discorre sobre a escrita, esse momento é convertido em prazer e reflexão. Ficou-nos uma obra célebre que alguns afirmam ser o segundo livro mais lido do mundo, depois da Bíblia, levando até a confundir se é o livro mais lido ou mais vendido do mundo. Seja uma coisa ou outra, o certo é que se trata de um autor que ainda segue encantando gerações e em pleno século XXI podemos encontrar investigações, adaptações e reedições de sua obra imortal. Além disso, “É o primeiro romance, a fonte da qual todos os escritores bebem. O modelo que segue o romance durante os séculos XVIII, XIX, XX e XXI”. (ALVAR, online, n.d, n.p.).

Miguel de Cervantes Saavedra também escreveu outros livros, alguns já apontados neste trabalho, como *La Galatea* (1585) – história escrita em seis livros voltada para o romance pastoril; *Novelas Exemplares* (1613); *La Gitanilla* (1613), *La fuerza de la sangre* (1613); *El Viaje Del Parnaso* (1614); *Os Trabalhos de Persiles y Sigismundo* (obra póstuma de 1617), entre outros.

O romance *Dom Quixote de La Mancha* (1605 I, 1615 II) é, pois, a obra mais universal de seu autor, retrata os problemas sociais da Espanha, bem como marca a

ruptura do mundo antigo para o mundo moderno em seu momento de declínio, jogando com a fantasia e a realidade.

4 O CONTEXTO SOCIAL EM *DOM QUIXOTE* (PARTE 1): SANCHO PANÇA E DULCINÉIA

“Quem lê muito e viaja muito, muito vê e muito sabe.”

(Dom Quixote)

Observando a obra de Cervantes, *Dom Quixote de La Mancha*, há um jogo de ficção e do real, de sonho e de realidade, ironia e comédia, e, até nos dias atuais os fatos vividos no romance parecem dialogar com o mundo moderno como numa representação social. O romance é iniciado dando enfoque à pobreza instaurada na época:

Na região da Espanha chamada Mancha, em uma aldeia esquecida e empoeirada, vivia um fidalgo empobrecido... muito magro, com pelo menos cinquenta anos, tinha o sobrenome de Quixada, Quesada ou Quixana”. (SAAVEDRA, 2010, p. 09, adaptação de Albergaria).

Tanto em Sancho como em Quixote percebemos as dificuldades financeiras que representava o povo daquele período.

O cotidiano e a arte literária mutuamente se implicam no processo de criação do texto literário quando o autor representa os problemas sociais da sua época através das aventuras dos personagens na obra, objeto de nosso estudo como Sancho e Dulcinéia. A literatura nos lança um novo olhar sobre os personagens, trazendo à vista situações que nos ajudam compreender as construções sociais, ou seja, contribui para uma reformulação de imagens e ideias sobre os vários problemas presentes na sociedade contemporânea. Machado discorre sobre o conceito das representações sociais:

O conceito de representações sociais designa uma forma de conhecimento particular, “o saber do senso comum”.

A representação social é a construção social de um saber ordinário (de senso comum) elaborado por e dentro das representações sociais, através dos valores, das crenças, dos estereótipos etc., partilhada por um grupo social no que concerne a diferentes objetos (pessoas, acontecimentos, categorias, objetos do mundo etc.) dando lugar a uma visão comum das coisas. (2003, p. 13-14).

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos sociais que estabelece posições em relação a situações, eventos, objetos e ideias. O social intervém de várias formas e uma dessas formas é pelo contexto coletivo no qual se situam grupos e pessoas, ou seja, a representação social é um conhecimento prático, que pode dar sentido ao que nos parece ser estranho.

Serge Moscovici, considerado como principal teórico das representações sociais e que recebe notoriedade com a publicação de *La Psycanalyse, son image et son public* (A Psicanálise, sua imagem e seu público), propõe em sua teoria uma articulação entre o psicológico e o social, considerando inseparáveis sujeito, objeto e sociedade. Para ele as representações sociais é uma construção que o sujeito faz para entender o mundo, resultantes da intenção social. Ainda em sua teoria reflexiona,

Pessoas e grupo criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram se atraem e se repelem e dão continuidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu. Não é suficiente começar diretamente de tal ou de tal aspecto, seja do comportamento ou a estrutura social uma representação muitas vezes condicionada ou até mesmo responde a elas. (MOSCOVICI, 2003, p. 41)

A teoria das representações sociais tem em sua proposta o estudo científico do senso comum (MOSCOVICI, 2003). Visa também mostrar uma forma específica do pensamento social e considera que toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém. Não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte subjetiva do sujeito, mas é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas.

Um meio de identificar as representações sociais é analisar obras literárias, uma vez que podem retratar o pensamento de uma época através de seus personagens e lugares. Se observarmos a obra *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, considerada uma ficção realista, podemos encontrar uma narração pautada na representação social, uma vez que não há somente o mundo real ou o

mundo ideal, mas uma conexão entre o mundo e as coisas. O personagem central desse romance revive o período dos cavaleiros da idade média, dando outro sentido às coisas do mundo real em função do que se passa em sua imaginação.

Sobre os romances de cavalaria, esses descreviam um mundo idealizado pelos seus heróis que eram dotados de poderes excepcionais, capazes de vencer monstros, enfrentar encantamentos e derrotar qualquer adversário. Acerca dessas características comenta Lopes (2009, p.156).

Nos fins da Idade Média, o romance de cavalaria foi a prosa de ficção de maior sucesso de público, num tempo que viu nascer e frutificar gêneros literários variados.

Sem dúvidas, o gênero agradava aos homens e às mulheres, pelo conteúdo fantástico das façanhas de seus protagonistas, em meio à sociedade que cultivavam o herói guerreiro como figura máxima das virtudes cristãs e que, acima de tudo, era opositor e vencedor infalível de infiéis, de bandidos e de monstros.

[...] o justiceiro que vai salvar a sua amada e o seu povo das ações de usurpadores... O conteúdo romântico da narrativa atingia em cheio o coração das donzelas sonhadoras.

Mais que o mundo fantástico, era o mundo pautado pela honra na figura de um nobre cavaleiro cortês que lutava pelos ideais do povo nas causas pelos indefesos e injustiçados. Em contraste com essa figura nobre e cheia de virtude do mundo de cavalaria, encontramos na obra cervantina ao personagem Sancho Pança que faz parte de outro grupo social. Nas aventuras e fantasias vividas pela dupla aventureira, Sancho se punha a rir e a zombar do seu amigo Quixote por conta das suas loucuras que nada tinha a ver com o mundo real. As peripécias do nobre cavaleiro errante são desmentidas pela dura realidade social em que a Espanha enfrentava naquele tempo, e o efeito dessas andanças passa a ser humorísticas.

Mandou Sancho recolher o elmo, e este, tomando-a nas mãos, disse:

- Por Deus que é boa a bacia e há de valer oito reais como um maravedi. E, entregando-a a seu amo, este logo a pôs na cabeça, virando-a de um lado ao outro à procura do encaixe, e, como não o encontrava, disse:

- Sem dúvida o pagão a cuja medida se forjou primeiro este famoso elmo devia de ter grandíssima cabeça; e o pior é que lhe faltava uma metade. Quando Sancho viu chamar a abacia de "elmo", não pôde conter o riso, mas se lembrou da cólera de seu amo e calou na metade.

- De quê ris, Sancho? – Disse D. Quixote.

- Ia rindo-me – respondeu ele – de considerar a grande cabeça que tinha o pagão dono deste elmete, que semelha a tal e qual uma bacia de barbeiro. (SAAVEDRA, p. 272).

Sancho Pança está descrito no romance como um homem baixo e barrigudo, ou seja, com características físicas bem distantes do modelo de um herói forte e viril típico dos cavaleiros mediáveis. Isso pode ser reconhecido no fragmento que o descreve: “pelo que a pintura mostrava, tinha ele a barriga grande, o tronco breve e as pernas finas e longas, e por isso deve de ter recebido o nome de ‘Pança’ e de ‘Sancos’”. (SAAVEDRA, 2002, p. 134). Embora participante de um mesmo mundo que seu amo, onde havia um conflito entre o passado e o presente, o real e o irreal, o individual e o social, ele se diferenciava muito de Quixote, pois, pertencia à outra classe social, como comenta Busato (2015, p. 14)

O fiel escudeiro de Dom Quixote em tudo se diferencia do seu mestre, pois quanto às características físicas é baixo e gordo, enquanto que nas intelectuais, não é nem culto nem estudado, mas tem a sabedoria popular que expressa através de muitos provérbios proferidos ao longo do romance em suas aventuras como escudeiro do Cavaleiro da Triste Figura (como também fica conhecido Dom Quixote). Sancho é um simples agricultor que, embora ganancioso, ama sua família, porém a deixa para sair em busca do governo da ilha prometida por Dom Quixote por pagamento por seu trabalho de fiel escudeiro. Tudo indica que o personagem Sancho, a sua simplicidade e, mesmo tempo, a sua ambição em ser governador de uma ilha, procura transmitir uma mensagem de fundo social quanto às aspirações das classes menos favorecidas.

Ao fazer uma contraposição entre Sancho e seu senhor, podemos observar que o primeiro era um camponês ignorante que trabalhava duro para sustentar sua casa. Era um homem que embarcou na aventura quixotesca em troca de governar uma ilha por ambição, ou seja, por aspirava ascender socialmente e poder dar uma vida digna a sua família; Já o segundo, era a imagem de um nobre e leitor assíduo que sonhava em mundo melhor e mais humano. No trecho abaixo vemos o momento em que se dá o início da dupla em ação,

Nesse mesmo tempo chamou D. Quixote um lavrador seu vizinho, homem de bem – se é que tal título se pode dar a quem é pobre -, mas por demais crédulo. Enfim, tantas lhe disse, tanto porfiou e lhe prometeu, que o pobre vilão determinou de sair com ele e lhe servir de escudeiro. Disse-lhe D. Quixote, entre outras coisas, que fosse com ele de bom grado, pois alguma vez podia lhe acontecer uma aventura que lhe ganhasse, do pé para a mão, alguma ínsula e o deixasse por governador dela. Com essa promessa e outras que tais, Sancho Pança, que assim se chamava o lavrador, deixou

mulher e filhos e se assentou como escudeiro do seu vizinho. (SAAVEDRA, 2002, p.112).

Para alguns críticos e tradutores da obra, Sancho também é descrito como homem de bem e extremamente ingênuo por confiar na promessa de alguém que tinha perdido o juízo. Em oposição a seu senhor que buscava valores humanos, Sacho aspirava conquistar riqueza material e, de vez em quando, cobrava o pagamento a seu amo,

- Deseo – replicó Sancho – que vuestra , me diga el salario que me ha de dar cada mes. Porque no quiero depender de favores que llegan tarde, o mal, o nunca. En fin, yo quiero saber lo que gano, poco o mucho que sea. Quixote replica que los escuderos no ganavan dinero, ni en el mes ni en el año. Él nunca tenía visto en niguna historia en niguna. (SAAVEDRA, 2010, p. 20-21, adaptação de Cuenot).

Sancho Pança não tinha nada consigo além das aventuras com o cavaleiro andante e a promessa de se tornar governador de uma ilha, e que sua esposa se tornaria uma dama respeitada com pessoas para servi-la. Todavia, ela não tinha sequer o conhecimento do que vinha a ser uma “ínsula”, “senhorias” e muito menos o termo “vassalo”, como se observa no texto (SAAVEDRA, 2002, p. 718).

- Queria o céu que assim seja, marido meu, pois bem havemos mister. Mas dissei-me o que é isso de ínsulas, que o não entendo.
 - Não é o mel para a boca do asno – respondeu Sancho – no seu tempo verás o que é, mulher, e até te admirarás de ti ouvires chamar de senhoria por todos os teus vassalos.
 - Que é o que dizeis, Sancho, de senhorias, ínsulas e vassalos? – respondeu Joana Pança, que assim se chamava a mulher de Sancho...

O casal não tinha o entendimento e nem a cultura de como as coisas aconteciam fora da vivência deles. Ao que parece, Sancho aprendeu alguns modos durante as suas viagens com seu senhor.

O fiel escudeiro representava no romance alguém que, mesmo sendo inculto tinha consciência da realidade e tentava trazer seu amo ao mundo real, com esperança de que recuperasse o juízo. Como podemos ver no fragmento que segue, tentava alertar e situar a seu amigo sobre a “falsa realidade” que via em sua frente, porém, o cavaleiro andante não lhe dava ouvidos.

Nisto, avistaram trinta ou quarenta moinhos de vento dos que há naqueles campos, e assim como D. Quixote os viu, disse ao seu escudeiro:

- [...], pois vê lá, amigo Sancho Pança, aqueles trinta ou pouco mais desaforado gigantes, com os quais penso travar batalha e tirar a vida de todos, com cujos despojos começaremos a enriquecer, pois esta é boa guerra,

- Que gigantes? – disse Sancho Pança.

- Aqueles que ali vês – respondeu seu amo -, de longos braços que alguns chegam a tê-los de quase duas léguas.

- veja vossa mercê – respondeu Sancho – que aqueles que ali aparecem não são gigantes, e sim moinhos de ventos, e o que neles parecem braços são as asas, que, empurrados pelo vento, fazem rodar a pedra de moinho. (SAAVEDRA, 2002, p. 117).

Repetindo o modelo do romance de cavalaria, onde o herói dedicava sua vida e lutas a sua amada, na obra estudada, também sentia um amor platônico por uma dama: “deu-se a entender que nada mais lhe faltava senão buscar uma dama da qual se enamorar, pois um cavaleiro andante sem amores era árvore sem folhas e sem fruto e corpo sem alma” (SAAVEDRA, 2002, p.60). Encontrou essa figura em sua vizinha por nome Aldonza Lorenzo, uma lavradora vista pelos outros como rude e grosseira essa figura. Assim que sua paixão quixotesca transformou uma humilde mulher em uma dama. Quixote troca seu nome por um que aos seus ouvidos lhe parecia de princesa e mais musical e essa passa a ser chamada Dulcinéia d’El Toboso, dama idealizada e criada na mente desvairada de Alonso Quijano,

[...] E aconteceu, ou assim se acredita, que num lugar perto do seu havia uma moça lavradora de muito bom parecer, de quem ele andara enamorado algum tempo, embora, até onde se sabe, ela o nunca tivesse sabido nem suspeitado. Chamava-se Aldonza Lorenzo, e a ela houve por bem dar o título de senhora dos seus pensamentos; e, procurando-lhe um nome que não desentoesse muito do seu e que soasse e tendesse ao de princesa e grande senhora, veio a chamá-la “Dulcinéia d’El Toboso” por ser ela natural de El Toboso: nome, ao seu parecer, músico, peregrino e significativo, como todos os outros que a si e a suas coisas tinha dado. (SAAVEDRA, 2002, p. 60).

Como comentamos, Dulcinéia era imaginada como uma princesa, alguém que representaria a classe nobre e elevada da sociedade. No entanto, era descrita no relato como uma simples lavradora desengonçada e pertencente à classe popular. Sancho ao ouvir falar acerca da sua descrição pelo enamorado amo, logo entendeu que se tratava de Aldonza Lorenzo, mera camponesa, de modos rudes,

dona de uma voz grossa e desagradável, além de se comportar como uma vulgar cortesã.

-Bem a conheço – disse Sancho-, e sei dizer que joga barra tão bem como o mais forçado zagal (rapaz forte) do lugar. Pelo Dador, que é moça das boas, feita e bem-feita e de peito forte, e que pode tirar da lama o pé de qualquer cavaleiro andante ou por andar que a tenha por senhora! [...] que nervo que tem, e que voz! Basta dizer que um dia subiu no campanário da aldeia e se pôs a chamar uns zagais seus que andavam numa roça de seu pai e, embora estivessem a mais de meia légua dali, assim a ouviram como se estivessem ao pé da torre. E o melhor dela é que não é nada melindrosa, pois tem muito de cortesã: com todos brinca e de tudo faz troça e graça. (SAAVEDRA, 2002, p.335).

Aldonza Lorenzo, a lavradora real, e Dulcinéia d’El Toboso, a princesa idealizada, são uma só pessoa. Nota-se que há um contraste na descrição, a imagem da mulher do povo se opõe a dama da elite, bem como uma é bela e inteligente e a outra feia e rude. Reproduzindo as características do mundo de cavalaria, a dama deve apresentar fragilidade e pureza para ser digna dos pensamentos do cavaleiro andante e de suas supostas vitórias. Sobre essa questão comenta Lopes (2009, p. 157).

Na composição do romance cavaleiresco, não pode faltar uma intensa paixão, daqueles que remove montanhas. A presença de uma dama de excepcional beleza é um dos elementos vitais da estrutura do romance, e ainda mais na última fase dessa literatura, na qual se acentua a galantaria. A beleza superlativa da mulher é preciso acrescentar as virtudes do sexo frágil: fidelidade e pureza em primeiro plano. A figura feminina era indispensável ao cavaleiro, porque só se realizavam verdadeiras façanhas se existisse o combustível da paixão por uma donzela. A única recompensa em jogo era a “resposta” que o cavaleiro receberia da dama de seus pensamentos.

Em outro momento do livro, encontramos uma carta endereçada à Dulcinéia de Toboso pelo cavaleiro apaixonado que enaltecia a beleza de sua amada imaginária, ela é descrita como formosa e muito doce, como vemos no texto (SAAVEDRA, 2002, p. 338),

Soberana e alta senhora:

O ferido à ponta de ausência e o chagado nos entrefolhos do coração, dulcíssima Dulcinéia d’El Toboso, envia-te a saúde que ele não tem. Se a tua formosura me despreza, se o teu valor não é em meu prol, se os teus desdêns não são em meu afrontamento, embora que eu seja mui sofrido,

mal poderei suportar esta coita, que, além de forte, é demais duradoura. Meu bom escudeiro Sancho dar-te-á inteira relação oh bela ingrata, amada inimiga minha!, do modo como por tua causa fico: se gostares de acorrer-me, teu sou; se não, faze o que mais se acomode ao teu gosto, que dando cabo da minha vida satisfarei a tua crueldade e o meu desejo. Teu até a morte.

O Cavaleiro da Triste Figura

Dulcinéia d'El Toboso ou Aldonza Lorenzo, duas mulheres que se fundem em um único personagem. A que é conhecida por Sancho é pobre, possui atributos negativos (feia, alta, gorda, cortês...), enquanto a imaginada por Quixote é uma princesa, possui adjetivos positivos (bonita, alta, nobre...). Em um momento do romance esses dois personagens se encontram, tanto a real de Sancho Pança quanto a idealizada de Quixote,

Dulcinéia não sabe escrever nem ler e em nunca na vida viu letra nem carta minha, uma vez que meus amores e os dela foram sempre platônicos, sem irem além de um honesto olhar. E mesmo isto tão de quando em quando que com verdade ousarei jurar que, nos doze anos em que a venho amando mais que ao lume destes ilhós que a terra há de comer, não há vi nem quatro vezes [...] tal é o recato e encantamento com que o seu pai, Lorenzo Corchuelo, e sua mãe, Aldonza Nogales, a criaram.

- Alto lá! – disse Sancho. – Então é a filha de Lorenzo Corchuelo a senhora Dulcinéia d'El Toboso, por outro nome chamada Aldonza Lorenzo?

- Essa é – disse D. Quixote -, e é ela quem merece ser senhora de todo universo. (SAAVEDRA, 2002, p.334-335).

Dulcinéia era idealizada com o amor cortês, já que segundo o código dos cavaleiros antigos, a amada seria a razão das suas lutas e a pessoa a quem seria tributada as supostas vitórias. No imaginário popular dos tempos das novelas de cavalaria, essa figura era criada em torno à cavalaria andante, em castelos com senhoras doces, delicadas, meigas e românticas. Deste modo, esse personagem fictício (d'El Toboso) era a “responsável” por quem Quixote arriscava a vida nas suas aventuras, às vezes, até perigosas. Em alguns desses episódios o nome de Dulcinéia era evocado por ele como se fosse um ser superior, para a sua proteção “- Oh, senhora da minha alma, Dulcinéia, flor da formosura! Socorrei esse vosso cavaleiro” (SAAVEDRA, 2002, p. 126). O amor por essa figura imaginária era tão delirante que o seu amado achava-a bela entre as belas e também queria que os outros tivessem o mesmo parecer, mesmo sem nunca terem visto a dama dos seus

sonhos “- Detenha-se todo o mundo, se todo o mundo não confessar que não há no mundo toda donzela mais formosa que a Imperatriz de La Mancha, a sem-par Dulcinéia d’El Toboso”. (SAAVEDRA, 2002, p. 86). Por outro lado, a realidade não estava nada encantadora, por conta da crise e pelas transformações que passava o país no período em que Cervantes escrevia essa obra, conforme já abordamos nesse trabalho antes. O contraste entre Dulcinéia e Aldonza na obra cervantina é uma representação das transformações sociais que afetavam Espanha,

O novo sistema econômico determina as atividades que terá que desenvolver uma mulher trabalhadora do campo (ou no espaço urbano). Tal atividade, (rural neste caso) exige que o trabalhador feminino ou masculino seja forte, rude, sem muito dengo, mesmo que, essas características na mulher adquiram um grau próximo do grotesco, considerando os padrões de feminilidade, aos quais a sociedade está acostumada, (ESTIVIL, 2007, p. 126).

Há outro momento da obra em que Quixote, o “enamorado até o fígado”, ao terminar a carta endereçada à Imperatriz de Toboso (Dulcinéia), chamou o escudeiro para ler e memorizar a mensagem, com receio de que a perdesse no caminho. No seu trajeto para a suposta entrega da carta, Sancho encontra o barbeiro e o cura e, achando que a tinha perdido, começa a recitá-la de memória. De acordo a imagem que tinha da senhora dos pensamentos de seu senhor, ela era uma lavradora de classe social baixa, desengonçada, deixando clara a posição que ocupava as mulheres lavradoras. Sobre essa sequência, comenta Estivil, (2007, p. 123)

O narrador apresenta aqui a segunda imagem de mulher, a qual está estampada nas lavradoras. Ela não correspondia em nada à imagem de donzela que Sancho devia encontrar, embora isso não fosse um impedimento, já que Aldonza Lorenzo era em realidade uma aldeã tão rude quanto as camponesas e Don Quijote sempre havia acreditado se tratar de uma donzela.

O fiel escudeiro descreve Dulcinéia/Aldonza Lorenzo segundo a visão realista que seus olhos captam. Ao retornar dessa missão, Quixote está curioso por saber como a sua amada reagiu ao receber a carta e Sancho deprecia ainda mais a imagem de Aldonza a campesina, como vemos abaixo,

- O que eu sei dizer –disse Sancho - é que eu senti um cheirinho um tanto masculino, e devia de ser porque ela, com o muito exercício, estava suada e um tanto emborralhada.
- Não seria isso – respondeu D. Quixote -, e sim que tu devias de estar acatarrado ou deveste de cheirar a ti mesmo, pois eu sei muito bem qual o cheiro daquela rosa entre espinhos, daquele lírio do campo, daquele âmbar sutil.
- Tudo pode ser – respondeu Sancho -, pois muitas vezes sai de mim aquele cheiro que então me pareceu que saía da sua mercê a senhora Dulcinéia; e não seria de espantar, pois dois diabos se parecem (SAAVEDRA, 2002, p.431),

As seqüências em que aparecem os personagens Sancho e Dulcinéia refletem tanto o que tem de humano em cada um deles no mundo ficcional, como também nos permite fazer uma leitura social da Espanha no século XVII no mundo concreto. Os diálogos e as situações vividas por eles expõem a hierarquia e o status social, os problemas econômicos dos não abastados economicamente e a crise de valores humanos daquele período, tornando a leitura de *Dom Quixote* uma experiência não apenas divertida, mas também reflexiva e questionadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender como os problemas sociais da Espanha do século XVII são abordados no romance que é o clássico universal de Miguel de Cervantes. O interesse por essa investigação surgiu desde o primeiro semestre acadêmico no curso de Letras, Língua Espanhola, pela UNEB – Campus V, a partir do contato com o livro. Na “Introdução” apresenta o objetivo geral e os específicos que consistiram em verificar o contexto social a partir da análise de dois personagens da principal obra cervantina: Sancho Pança e Dulcinéia. Seguidamente com o resultado dessa pesquisa. Foi empregada na metodologia a pesquisa bibliográfica qualitativa e para a fundamentação teórica recorremos a autores como Serge Moscovici (1995), Marta Anádon e Paulo B. Machado (2003), Pedrinho Guareshi e Sandra A. Jovchelovitch (1995), outros autores.

No segundo capítulo com o título “*Dom Quixote de La Mancha*: sua importância ontem e hoje”, discorremos sobre essa obra e sua importância desde o lançamento até os dias de hoje. Foi visto que esse livro é considerado o primeiro romance realista por despertar no leitor a sensação de que se faz a leitura do mundo real e não do ficcional. Nesse capítulo observamos se trata de uma obra que faz uma crítica às novelas de cavalarias, e que seu personagem central continua encantado aos leitores de todos os tempos e lugares, a tal ponto que existir o adjetivo quixotesco em referência às características do “cavaleiro da triste figura”.

No terceiro capítulo cujo título é “Cervantes e a Espanha do século XVII: Problemas sociais” abordamos sobre a vida do autor bem como as transformações que a Espanha passou naquele período, focando no contexto histórico, econômico e sociocultural. O estudo deste capítulo nos permitiu averiguar as dificuldades vividas pelo autor por conta da situação desfavorável de seu país no século XVII, as mudanças ocorridas e a transição do mundo antigo para o mundo moderno.

Já no quarto capítulo intitulado “O Contexto social em *Dom Quixote* (Parte 1): Sancho e Dulcinéia” centramos nossa atenção nas situações vividas pelos personagens Sancho e Dulcinéia, dando ênfase ao contraste entre O real e o ficcional, o vivido e o imaginado. Nessa parte foi possível notar algumas representações sociais na construção dos personagens que caracterizam o romance como realista. Sancho Pança era retratado como alguém que ocupava uma posição

social diferente do seu amo e amigo, ou seja, era um lavrador e analfabeto da camada baixa da sociedade. Já Dulcinéia, assumia no texto dois papéis sociais. A personagem que existia no mundo concreto do relato se chamava Aldonza Lorenzo e era também uma lavradora, rude e grosseira. Por outro lado, no mundo da imaginação de Quixote, ela era Dulcineia d'El Toboso, descrita como sua amada princesa, ou seja, uma bela dama de classe social elevada.

Dada importância e a relevância desse clássico literário, o estudo desenvolvido nos permitiu, por um lado, comprovar que a literatura dialoga com a realidade, por outro, verificar que essa obra cervantina faz um retrato de tipos sociais bem marcados, fazendo uso do humor, da crítica, da sátira, da denúncia e da ironia. Quatro séculos se passaram, no entanto, *Dom Quixote* continua tão atual e encantando a todos os leitores. Cervantes conseguiu trazer os problemas sociais para dentro do mundo ficcional; registrar a luta de um sonhador contra os “gigantes”, algo que poderia ser uma representação da cruel desigualdade social que ainda vivemos; Falar de um amor idealizado e vemos na nossa era virtual o quanto o mundo da imaginação sobrepõe o mundo concreto. Esperamos que este trabalho possa incentivar a outros a investigar essa obra e se lançar nessa aventura quixotesca.

REFERÊNCIAS

ALBERGARIA, Lino de. **O fidalgo Dom Quixote de La Mancha/** Miguel de Cervantes Saavedra; (Coleção encontro com os clássicos); Adaptação de Lino de Albergaria. São Paulo: Paulus, 2010.

ALVAR, Carlos. ¿Por qué «El Quijote» es una obra única?. **La Razón**, 2016. Disponível em: <https://www.larazon.es/cultura/por-que-el-quijote-es-una-obra-unica-FP12480173/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

ANÁDON; Marta. MACHADO; Paulo Batista. **Reflexões Teóricas - Metodológicas sobre as representações sociais.** Marta Anádon, Paulo Batista Machado. Salvador, Editora Uneb, 2003.

As grandes navegações em Só História. **Virtuous Tecnologia da Informação**, 2009-2019. Disponível em: <https://www.sohistoria.com.br/ef2/navegacoes/> Acesso em: 17 ago. 2019

As Grandes Navegações. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/artigos/as-grandes-navegacoes.htm#:~:text=As%20Grandes%20Navega%C3%A7%C3%B5es%20fora m%20o,ao%20continente%20americano%20em%201500.> Acesso em: 17 ago. 2019

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História & Cidadania**, 1º ano/ Alfredo Boulos Júnior – 2ª edição- São Paulo: FTD, 2016.

BRITO. L.; GOMES, N. G. B. **Heróis problemáticos: cavaleiros sem identidade** Encontros de Vista, Recife, 12(2): 23-33, jul./dez. 2013.

BUSATO, Aline. **Dom Quixote: a crítica irônica de Cervantes**, 2015, Unisc. (Dissertação Mestrado em letras) Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Rio Grande do Sul, p. 111. 2015. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/804/1/AlineBusatto.pdf>

CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de La Mancha I.** Tradução J. R. Cuenot, Madrid, Castalia, 1987.

_____, Miguel de. **Don Quijote de La Mancha II.** Tradução J. R. Cuenot, Madrid, Castalia, 1987. Acesso em 03 out. 2021.

DIANA, Daniela. **Biografias.** Miguel de Cervantes. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/miguel-de-cervantes/acesso>. Acesso em: 13 jun. 2022.

ESTIVIL, Patrícia Virginia Cuevas. A mulher no romance *Don Quijote de La Mancha*. **Revista de Literatura, História e Memória.** VOL. 3 - Nº 3 - p. 119-127. Disponível

em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/1184/972>. Acesso em: 14 de dez. de 2022.

FERNANDES, Cláudio. "O Século de Ouro Espanhol". **Brasil Escola**, {s.d.}. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/o-seculo-ouro-espanhol.htm>. Acesso em: 16 jun. 2022.

FERNÁNDEZ, Francisco. Don Quijote, um paciente mental glorioso y Kafkiano. **Salud mental** 2016; 39 (4): 229-234; ISSN 0185-3325. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-33252016000400229. Acesso em: 21 nov. 2022.

FERREIRA JÚNIOR, William Alves. A modernidade encontra a tradição: narrativas e reprodução de medievalidade a partir da loucura de Dom Quixote na obra de Cervantes – VIII encontro estadual de história – **ANPUH** BA Feira de Santana/2016. Disponível em: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477876097_arquivo_artigofinalizado.pdf. Acesso em: 17 nov. 2022.

FLORES. Célia Navarro. **Da Palavra ao traço**: Dom Quixote, Sancho Pança e Dulcinéia Del Toboso. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-31102007-143453/publico/tese_celia_navarro_flores.pdf. Acesso em: 08 dez. 2019.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Miguel de Cervantes**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/miguel_cervantes/. Acesso em 15 Jun. 2022.

GALEANO, Eduardo. Don Quijote de las paradojas. **La Revista Venezolana de Educación (Educere)**, Meridad , v. 9, n. 29, p. 267-268, jun. 2005. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-49102005000200022&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2022.

GOFF, Jacques Le. **Uma Longa Idade Média**, Jacques Le Goff. Tradução Marcos de Castro, 3ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

LOPES, Marcos Antônio. **Explorando um gênero literário**: Os romances de cavalaria. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/WK84DnyJvPBBSQvk8dhHyGM/abstract/?lang=ptfalt>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MARTINS, M. H. **O que é a leitura**. São Paulo, Coleção Primeiros Passos, 2004.

MOREIRA, M. Cervantes e sua época. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 14, 2013. DOI: 10.22456/2238-8915.39042. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/39042/24949>. Acesso em: 22 nov. 2022

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais - Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Albérís Eron Flávio de. ARAÚJO, Rosane Bezerra. '**Dom Quixote de La Mancha**': Romance de Ruptura. Disponível em: <file:///c:/users/windows%2010/documents/tcc%201%20orienta%c3%a7%c3%b5es%202021%202/tcc%202022/cervantes%20-%20gt12%20romance%20de%20ruptura.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2022.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**. São Paulo-SP, editora 34 Ltda, Tradução Sérgio Molina, 1ª edição, 2002.

SANTANA, Miriam Ilza. **Descobrimento das Américas**. InfoEscola, 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/descobrimento-da-america/> Acesso em: 17 ago. 2019.

SHECHNER, Caio Rodrigues. **Dom Quixote e o Riso: uma análise dos valores de cavalaria no início do século**. XVII, ISBN 978.85-65957-05-2, 2016. Disponível em: file:///c:/users/windows%2010/documents/tcc%201%20orienta%c3%a7%c3%b5es%202021%202/tcc%202022/1465415657_arquivo_textoanpuh2016.pdf. Acesso em: 17 nov. 2022.

SOTO, Luís García. Dom Quixote, uma aventura crítica (e apologética). **Anuário de Literatura, Florianópolis**, v. 22, n. 1, p. 55-71, 2017. ISSN 2175-7917 disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2017v22n1p55/34674>. Acesso em: 17 nov. 2022.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "**Renascimento**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/renascimento.htm>. Acesso em: 09 nov. 2022.

STOOPEN, Maria. Don Quijote y Sancho Panza: duelo hiperbólico. **Acta poética** vol.36 no. 2 Ciudad de México jul./dic. Versão on-line ISSN 2448-735X Versão impressa ISSN 0185-3082. 2015. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-30822015000200045&lng=es&nrm=iso&tlng=es. Acesso em: 12 dez. 2022.

VIEIRA, Maria augusta da Costa. **Orientação Bibliográfica para ler e estudar a obra de Cervantes**. Guia bibliográfico para os estudantes da FFLCH/USP. Disponível em: <https://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2017-11/Cervantes.pdf> Acesso em: 14 nov. 2022.